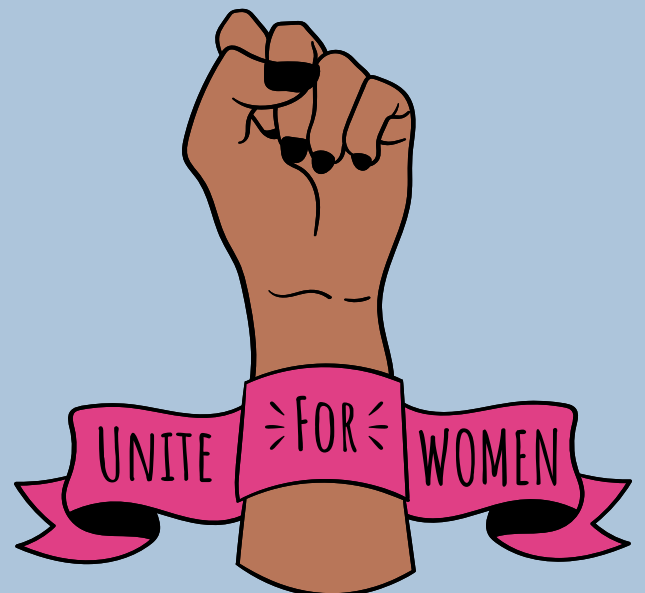
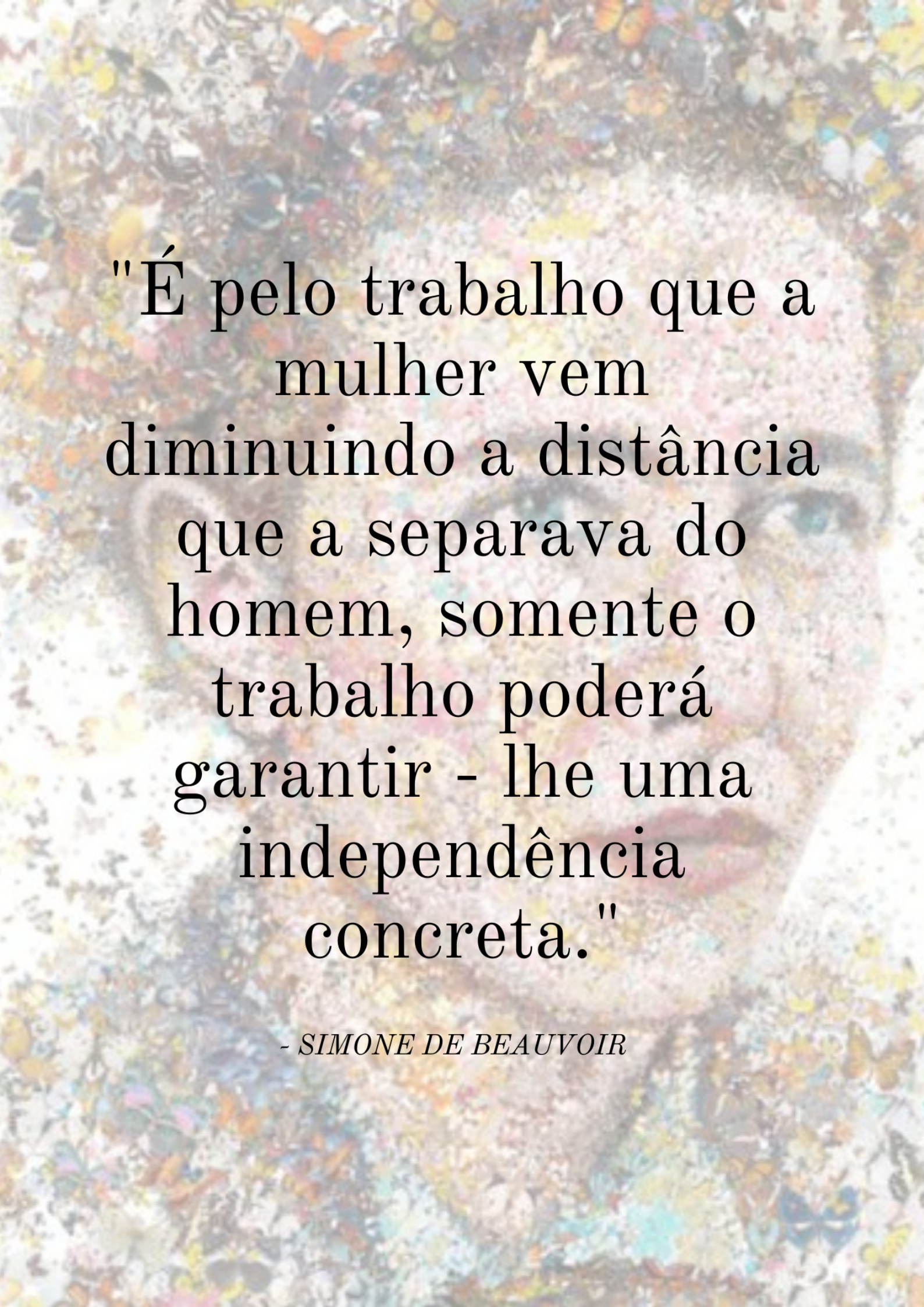




Manual DA FEAGRIANA





"É pelo trabalho que a
mulher vem
diminuindo a distância
que a separava do
homem, somente o
trabalho poderá
garantir - lhe uma
independência
concreta."

- SIMONE DE BEAUVOIR

Índice



01 INTRODUÇÃO

03 DESISTÊNCIA DE MULHERES NA UNIVERSIDADE

04 MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

14 REFLEXÃO SOBRE O MACHISMO E A VIOLÊNCIA
CONTRA MULHERES

17 SERVIÇOS OFERECIDOS PELA UNICAMP

Introdução

Ao longo da história, nós mulheres enfrentamos diversas dificuldades para sermos valorizadas e reconhecidas na sociedade. Na luta pela igualdade, um dos desafios enfrentados foi o do papel ocupado pelas mulheres no mercado de trabalho. Apesar de termos conquistado mais espaço dentro dos ambientes de trabalho e estarmos desempenhando funções que até então eram exercidas predominantemente por homens, ainda sofremos com a presença do machismo e da desvalorização.

≡ EQUALITY ≡

Em relação ao ambiente universitário, os problemas citados acima persistem da mesma forma. Tomando como exemplo as mulheres no curso de engenharia, percebemos que infelizmente ainda nos deparamos com uma série de desafios a serem enfrentados.

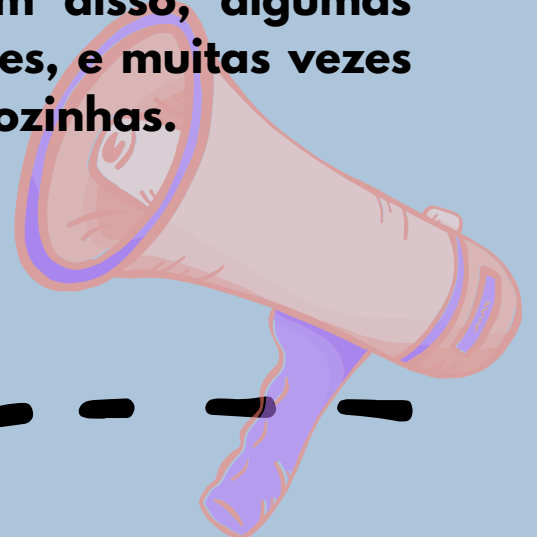
Diante disso, organizamos este manual com o intuito de auxiliar todas vocês Feagrinas



Desistência de mulheres na universidade

Uma pesquisa indicou que muitas mulheres que fazem doutorado nas áreas de STEM – ciência, tecnologia, engenharia e matemática – são as únicas da sala. Nesse cenário, a probabilidade das alunas completarem os estudos diminui em 12%, em comparação com os homens. Contudo, para cada 10% a mais de mulheres em uma classe, a diferença de gênero reduz em mais de 2% o índice de desistência. A pesquisa também apontou que, se uma mulher ingressa em uma sala com mais homens nestes cursos, ela tem 7% menos chances de se formar.

Diante disso, percebemos que existem diversos fatores que podem estar associados a evasão de mulheres das universidades. A pressão psicológica, o machismo e abusos são alguns dos fatores. Além disso, algumas dessas mulheres são estudantes e mães, e muitas vezes são obrigadas a cuidar de seus filhos sozinhas.



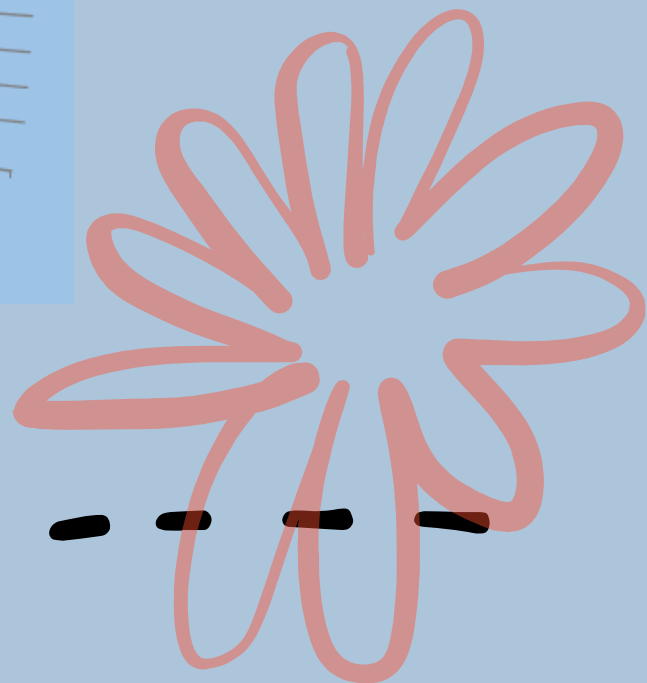
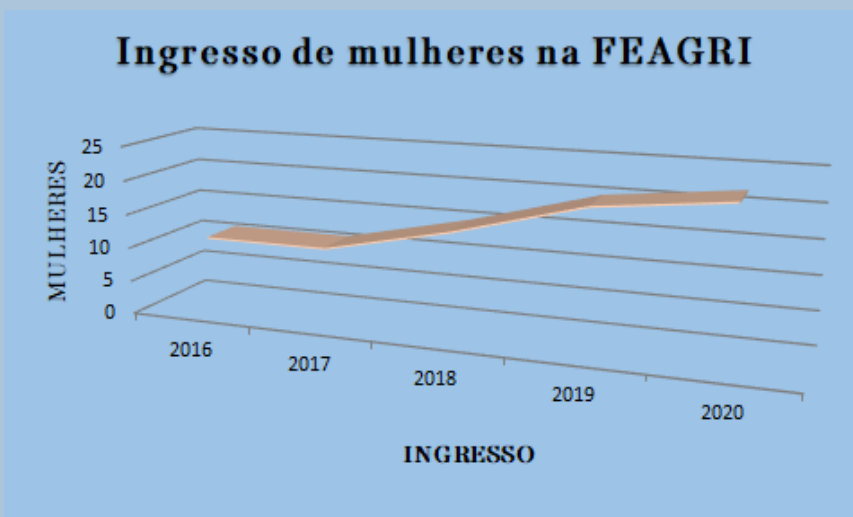
Mulher no mercado de trabalho

A mulher no mercado de trabalho, é um feito conquistado recentemente na história da humanidade, acontecimento este que ainda não está completamente consolidado. A verdadeira luta das mulheres no mercado de trabalho pode ser definida em uma só palavra: equidade, que nada mais é do que igualdade de oportunidades, igualdade de credibilidade e igualdade de salário. Ser do sexo feminino implica em ganhar cerca de 20,5% menos que os homens para exercer a mesma função, de acordo com o IBGE, nós tendemos a ter jornadas duplas, pois além do trabalho convencional cuidamos 95% a mais do nosso lar do que os homens e isso reflete na nossa dificuldade de ascensão em cargos de liderança.



Porém, nem tudo são espinhos mulheres, estamos mudando esse cenário e vamos continuar lutando pelos nossos lugares. Ao longo do tempo e ainda mais neste século, temos visto as mulheres ganharem consciência sobre seu poder de mudança e alteração de um cenário tão antigo e consolidado, e essa é a melhor parte da história.

Uma das nossas maiores dificuldades nesse mercado de trabalho tem sido exercer profissões majoritariamente masculinas, isso fica ainda mais evidente quando olhamos para o nosso curso: Engenharia Agrícola. Um curso e uma profissão predominantemente masculina, teve uma alta de mulheres em 2020, contando com mais de 20 mulheres ingressantes no curso daquele ano.



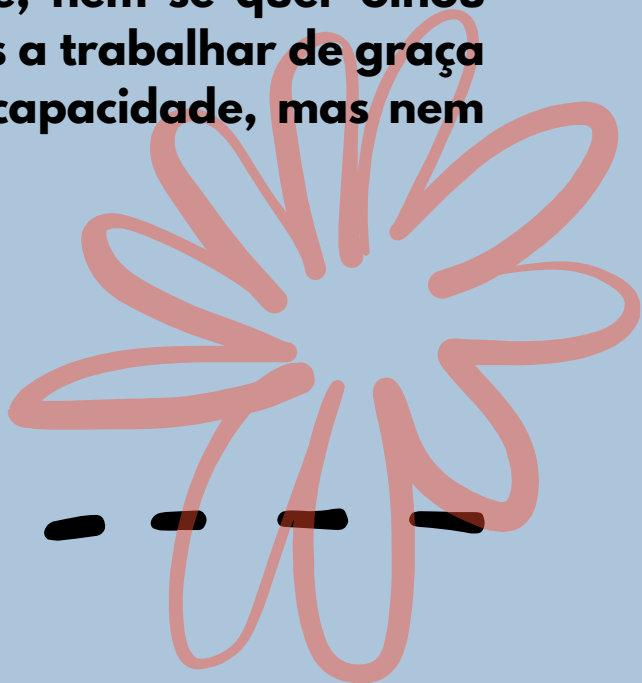
Mas isso não quer dizer que não estamos expostas ao preconceito, onde o próprio cenário prático profissional estranha e questiona nossa capacidade, apenas por observar um ser humano do sexo feminino sujando suas mãos de terra. Para falar melhor do cenário descrito, convidamos Laisa Oliveira, engenheira agrônoma formada pela UEMG e atuante na profissão a mais de 10 anos, para escrever especialmente para vocês mulheres ingressantes no curso de Engenharia Agrícola:

“Sou Laisa Oliveira Gonçalves, nascida no interior de Minas Gerais, filha de pequeno produtor rural e já na infância dizia que seria veterinária. Um dia, o veterinário foi no sítio para fazer palpação retal na vaca... desde então não quis mais ser veterinária kkk..

Sempre gostei do campo, amava andar de trator com meu pai então decidi que iria estudar e trabalhar com máquinas agrícolas. Os anos se passaram, eu sempre ali no campo com meu pai, e impressionantemente via que raramente tinha mulher. As crianças eram todas do sexo masculino e iam pra fazer bagunça, adolescente não tinha uma do sexo feminino, apenas eu, mas eu gostava, prestava atenção em tudo.

Chegou então a fase da faculdade e infelizmente não consegui passar no vestibular para engenharia agrícola, mas passei em engenharia agrônômica então decidi ingressar no curso e depois me transferir. Ao final do primeiro período decidi que faria sim a engenharia agrônômica e focaria na área de mecanização agrícola. Não era a melhor aluna de notas 10, mas sempre estava ali com notas consideráveis, era dedicada, estudava, fazia estágio, trabalhava em uma casa de xerox e tinha projeto de pesquisa. Estava sempre presente e continuava participando de dias de campo, palestras...

Como meu avô e meu pai são produtores rurais, além do meu irmão que é engenheiro agrônomo, eu cresci com a certeza que ao terminar a faculdade estaria empregada. Eis que ao término da faculdade veio a grande desilusão, fui em todas as revendas de maquinaria agrícolas e insumos agrícolas da minha cidade entregar currículo para uma oportunidade de trabalho e nada, teve gerente de revenda que pegou meu currículo e colocou dentro da gaveta na minha frente, nem se quer olhou meu nome escrito lá, até me propus a trabalhar de graça para que pudessem ver a minha capacidade, mas nem assim consegui.



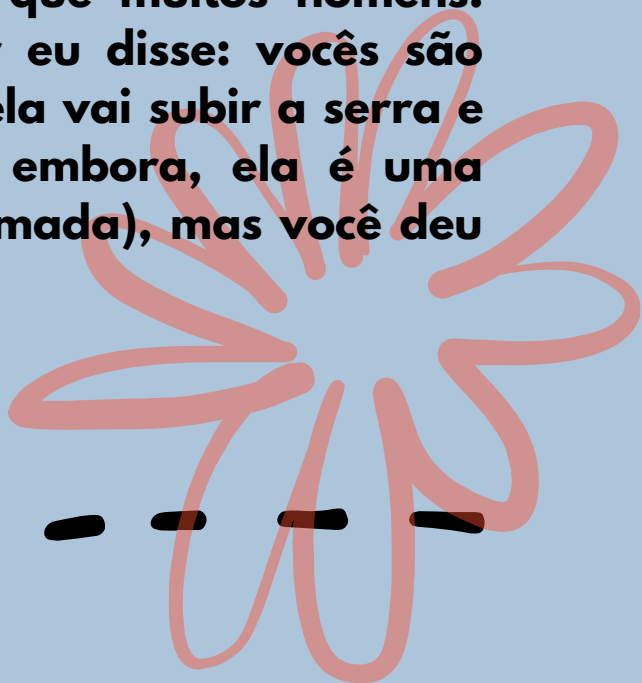
Voltando para Minas Gerais, surgiu uma oportunidade de ir trabalhar na concessionária da John Deere, e eu lógico quis muito, entrei como vendedora interna, mas claro que queria ir para a área de automação e a empresa demonstrou que poderia existir essa possibilidade sim, mas após cinco meses na empresa eles declararam: não vamos colocar você na área de automação, pois não é viável e vai ser um custo a mais pra empresa. Eis que novamente mais uma frustração, acabei muito desmotivada e não dando sequência no trabalho.

Viajei para o Piauí, para a casa de meu irmão e minha cunhada por motivos pessoais. Pouco tempo depois de mudar, meu irmão conseguiu uma entrevista de emprego para mim. E lá fui toda entusiasmada novamente, mesmo depois de 2 anos e 3 meses de formada não tinha desistido de exercer a minha profissão. Ao entrar na sala para a entrevista, estava o gerente da revenda e o representante de vendas (RV) da multifuncional, que me disseram: você só está tendo a oportunidade desta entrevista por causa do seu irmão, se não fosse ele nem iríamos te entrevistar. Isso na hora doeu, chocou, mas abracei como uma missão, encarei a situação. Após três meses de enrolação eles me contrataram.

Então, após dois anos e seis meses de formada, consegui meu primeiro emprego como engenheira agrônoma. Eu toda empolgada e com força de vontade pra fazer acontecer, afinal tinha que honrar o nome do meu irmão e fazer meu nome.

Durante quatro meses de trabalho eu só visitava as fazendas com os consultores e o RV, pois eu não tinha carro, o pessoal da empresa tinha medo de me dar carro porque eu não tinha experiência de dirigir e as estradas do Piauí eram muito perigosas. Enfim, depois de outros quatro meses, comecei a ir fazer as visitas sozinha. Quando o pico da safra começou mesmo, o RV que era meu gestor saiu, fiquei sozinha, mas executei a safra, ao final consegui entregar os resultados dos campos demonstrativos que tinha como meta, a meta de 15 e eu entreguei 25 campos.

Ao final desta safra em questão, um dos consultores me disse: “ É, você fez mais que o RV e o analista técnico (AT) do ano passado, muito mais do que muitos homens. Aliás, quando foram te contratar eu disse: vocês são loucos de contratar essa menina, ela vai subir a serra e descer chorando pedindo pra ir embora, ela é uma menina criada com vó (ou seja mimada), mas você deu conta, fez um bom trabalho...”.



Quando finalizei a segunda safra vem a notícia: sua função não vai ter mais, vamos ter que te transferir para Balsas (MA), para um trabalho de escritório. Alguns dias depois de saber que ia ser transferida, recebo uma ligação do consultor que foi contra minha contratação inicial na empresa. Na época da ligação, ele tinha assumido uma função de RV na multinacional e estava me oferecendo uma vaga de assistente técnico, nesse momento eu vi que as coisas estavam mudando e aceitei o desafio. Ao final da safra, eu consegui ser selecionada para uma vaga de RV na Bahia e encarei o desafio.

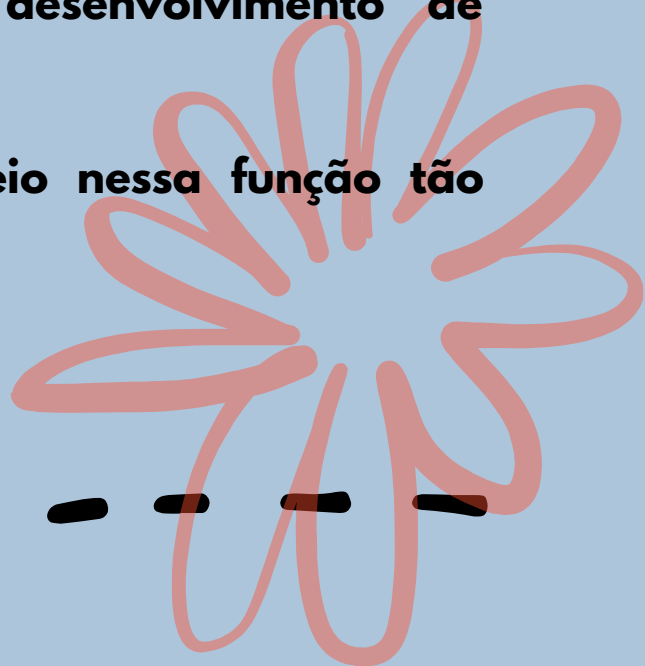
Aos três meses de contratada neste novo cargo, houve uma mudança na empresa e trocaram a gerência, após outros três meses com o novo gerente, o mesmo tomou a decisão de me desligar. Aí sim veio uma grande decepção, pois ouvi a justificativa: “Você não agrega aos seus clientes, você não tem bom relacionamento com seus clientes, área comercial não é para mulher...”. Enfim essa foi a minha maior frustração, doeu e ainda dói, fiquei com sequelas emocionais por causa disso.

Um dos clientes que era atendido por mim, confiou no meu potencial e me proporcionou uma oportunidade de trabalhar na concessionária da John Deere, e novamente eu estava lá. Fui toda empolgada, feliz, estava tendo a oportunidade de trabalhar com máquinas agrícolas, mas infelizmente a minha frustração inicial e estilo de vida da cidade me fez não me adaptar a cidade, me sentia mal, lutei para me sentir bem mas não foi o suficiente.

Enfim, depois desse período veio a oportunidade de ser assistente no Tocantins, eu aceitei. Eu vim e abracei a oportunidade como um recomeço, estava indo bem, me sentindo realizada, determinada... Eis que após cinco meses de trabalho, eu sofro um acidente, acidente que mudou minha vida, choque de realidade. Inicialmente me sentia realizada, feliz por estar viva e inteira, mas tinha o sentimento que seria desligada....

Ahhhh que sentimento cruel, mas segui com toda força que eu tinha para fazer acontecer... e exatamente após cinco meses do acidente, conquistei a minha meta e fui efetivada como agrônoma de desenvolvimento de mercado.

E eis que estou a um ano e meio nessa função tão desejada.

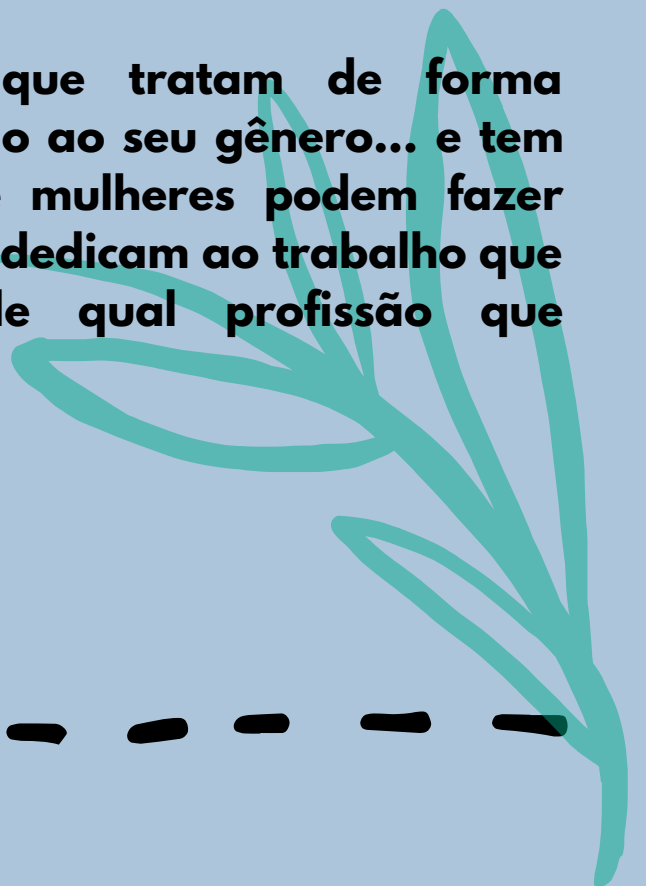


Está fácil? Não, não está nenhum pouco fácil... parte da equipe é muito motivadora, são gestores, me motivam e me orientam para crescer cada vez mais, mas infelizmente parte da equipe não me vê assim, é conflito direto, não me enxergam como é minha função, minha posição...

Tem dias que penso em largar tudo e ir embora... mas daí vem algumas oportunidades como essa de contar minha história, e faço essa retrospectiva e vejo quanta coisa já venci, quanta coisa aprendi, quantas pessoas que já tentaram me desmotivar, mas principalmente quantas pessoas maravilhosas que fazem parte da minha vida que me motivam, apostam em mim e confiam no meu trabalho, na minha capacidade profissional...

Preconceito por ser mulher? Com certeza tem, e tem muito ainda...

Mas também tem pessoas que tratam de forma indiferente o profissional devido ao seu gênero... e tem uma minoria que aposta que mulheres podem fazer diferente e são boas quando se dedicam ao trabalho que amam independentemente de qual profissão que escolheu...



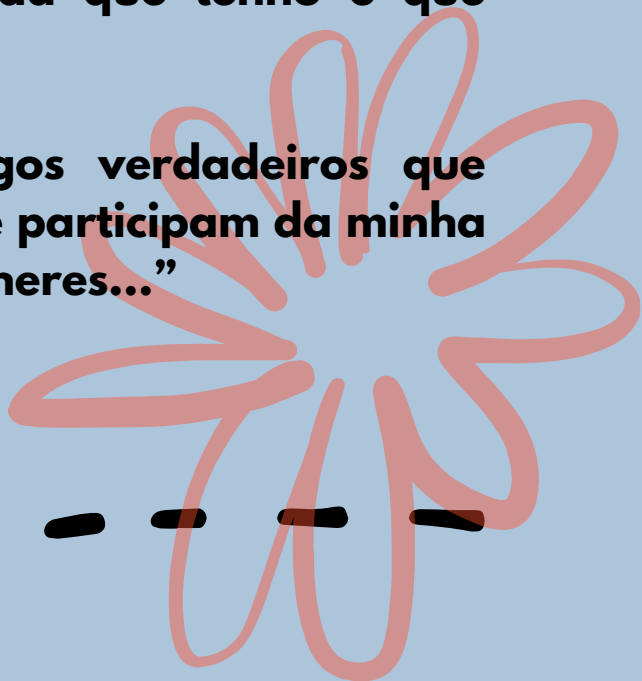
Ainda tenho muito a crescer, aprender, evoluir, conquistar... mas o que mais tenho que fazer é agradecer por tudo que passei e venci, todas as pessoas maravilhosas que tenho na minha trajetória...

Hoje posso dizer de coração aberto e cheio de alegria: não tenho tudo que desejei para essa idade que tenho hoje, mas com toda certeza tenho muito mais do que poderia um dia imaginar...

Tenho certeza que estou num caminho longo, cheio de obstáculos com alguns desvios, tempestades, escuridão e medo, mas logo a frente tenho luz, paisagens lindas e pessoas maravilhosas. Sou muito grata a Deus e principalmente a minha família, pois em todos os momentos minha família estava ali me apoiando e me incentivando... se sou quem sou, é porque meus pais me educaram para ser uma pessoa boa, que tem respeito, humildade, amor, sinceridade e caráter...

Agradeço muito pela família linda que tenho e que sempre me ajuda...

Agradeço também a todos amigos verdadeiros que tenho e a todos que participaram e participam da minha vida. Um abraço a todas vocês mulheres..."



Reflexões sobre o machismo e a violência contra mulheres

Nós mulheres travamos uma batalha diária contra uma cultura estabelecida a séculos atrás, o patriarcado, e essa história não tem mais espaço nos dias de hoje. O machismo tem por definição ser um preconceito, e assim como todos os outros existentes, ainda escancarado em nossa sociedade, é na sua pura forma uma opressão contra as mulheres, que não é apenas praticado por homens. Expresso por meio de opiniões e atitudes, o machismo favorece o sexo masculino, pregando que homens e mulheres tem papéis diferentes na nossa sociedade, dando ao homem o papel de protagonista no dia a dia.



Por meio desse preconceito foram surgindo, cada vez mais, agressões físicas e verbais contra o sexo oposto, agressões essas como o abuso sexual que remetem a todo e qualquer ato com teor sexual que não tenha consentimento da outra parte. Em sua forma completa existem várias categorias de abuso sexual sendo elas: o assédio sexual, o estupro, importunação sexual, aliciamento e exploração sexual.

O estupro é o tipo mais explícito de abuso sexual, e tem como principais vítimas mulheres jovens. No Brasil, a cada 11 minutos uma mulher é estuprada, a cada 7 horas temos um novo caso de feminicídio, além de mais de 500 mulheres que são agredidas por hora. Isso nos dá evidências suficientes sobre a existência da violência de gênero que sofremos, sendo a nossa luta diária não somente por igualdade, mas sim por sobrevivência. Essa violência é um assunto delicado, a maior parte das mulheres que passam por isso sentem medo, vergonha e acabam desistindo tanto da assistência médica quanto da denúncia do crime. Atitude essa que traz risco à saúde da mulher, pois os medicamentos adequados após essa violência precisam ser rapidamente ministrados, evitando doenças sexualmente transmissíveis e uma gravidez indesejada. Além da garantia de uma tomada de medida legal contra o criminoso. A questão do tempo de busca de assistência médica ganha grande importância quando falamos principalmente da prevenção contra o HIV, já que a demora pode agravar o caso.

O assédio é outra forma de violência de gênero muito recorrente, todas nós em algum momento fomos assediadas na rua, em casa, no ambiente de trabalho ou na escola. Talvez pelo fato de estarmos vestidas de alguma forma específica, ou talvez por ter algum comportamento específico, mas com certeza pelo simples fato de sermos mulheres. No Brasil, o assédio sexual em todas as suas práticas é considerado crime. Podemos categorizar essa violência nas coisas mais sutis do cotidiano como as “cantadas” recebidas em espaços públicos, a falta de credibilidade recebida em sala de aula ou no ambiente de trabalho, é o ato de constranger alguém a fim de obter um favorecimento sexual, passar por humilhação ou intimidação por questões de gênero e hierarquia.

Tudo dito anteriormente é apenas uma pequena fração de tudo que uma mulher passa ou está sujeita a passar. No fim, mulheres saibam que vocês não estão sozinhas nisso, contem com o seu centro acadêmico.

GIRLS JUST
WANNA HAVE
FUNDAMENTAL
HUMAN RIGHTS

Serviços oferecidos pela UNICAMP

CAISM

Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM) - (019 35219333): mais conhecido como Hospital da Mulher, nasceu de uma proposta de docentes da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp a fim de suprir parte das necessidades sanitárias e/ou pessoais exigidas pela mulher e pelo recém-nascido. Na prática, o Hospital da Mulher atua em serviços de transporte para farmácias e laboratórios, serviços de atendimento local como ambulatório e pronto atendimento. Além de atendimento imediato às mulheres vítimas de violência sexual e testes de DSTs, já que é parte integrada do SUS. O CAISM está ligado fisicamente ao complexo do Hospital das Clínicas localizado dentro da UNICAMP.

CAEA como centro de acolhimento para mulheres na FEAGRI

O CAEA se compromete com a comunidade feminina a fim de ser um centro de acolhimento e atendimento para mulheres. Ainda sob as condições EAD, fica a disposição os números para contato: Whatsapp: Maria - (019) 99356-5335 e Julia - (019) 98931-7887

Serviço de vigilância do Campus

Serviço de Vigilância do Campus (telefone (19) 3521-6000): Além de ser um canal para relatar qualquer tipo de ocorrência, pode ser utilizado, no período noturno, como escolta, acompanhando os alunos.

Botão do Pânico

Botão de Pânico | Centro de Computação: O aplicativo fornece à comunidade da Unicamp a possibilidade de serviços de segurança dentro da área de cobertura do Campus.



Grupos de mulheres na UNICAMP

Grupos Elza - O grupo Elza é formado por alunas, funcionárias e professoras do IMECC e tem como atribuição implementar mecanismos que proporcionem o fortalecimento dos vínculos sociais e profissionais entre alunos, professores e funcionários do IMECC, com soluções pacificadoras para os problemas verificados no instituto, bem como propor diretrizes e ações para a prevenção e enfrentamento de casos de assédio que afetam a comunidade do IMECC. Página pessoal: Grupo Elza

COEF - Conselho Organizacional das Extracurriculares Feminino. Página no Instagram: @coefunicamp

Semana das Minas - Semana organizada para estudantes mulheres da Engenharia Elétrica e da Computação da UNICAMP para dar visibilidade à luta feminista na FEEC. Página no Instagram: @semanadasminas

Iniciativa - Women in FSAE - Contemplando a perspectiva feminina da Fórmula SAE - Criado por mulheres para as equipes. Página no Instagram: @womeninfsae



**NÃO SE NASCE
MULHER:
TORNA - SE
MULHER**

-SIMONE DE BEAUVIOR-

CENTRO
ACADÊMICO



Faculdade de
Engenharia Agrícola
Unicamp